

---

28 JUL — 06 AGO / JAZZ EM AGOSTO 2017 / LISBOA

---

4 Agosto SEXTA, 18:30 — *Edifício Sede / Auditório 2*

# Pascal Niggenkemper



# Jazz em agosto 2017

---

GULBENKIAN.PT



---

## Pascal Niggenkemper CONTRABAIXO

FRANÇA / ALEMANHA

O contrabaixista Pascal Niggenkemper deu ao seu projeto a solo o nome de **Look with Thine Ears**, e isto porque o olho que mexe, que observa o que o rodeia, é um olho que ouve.

O músico franco-alemão incide a sua abordagem performativa numa particularidade: o que a visão “escuta” pode não ser o que os ouvidos apreendem, acrescentando algo mais, algo de imaginado, senão mesmo de alucinado, ao que auditivamente se capta. De uma forma algo perversa e distorcida, o uso que Pascal Niggenkemper faz de abajures de metal – negros, aliás – para preparação das cordas parece ter esse simbolismo visualista, como promessa de luz, de percepção, que nunca é totalmente cumprida, sugerindo que uma boa parte do que ouvimos-vemos vem de dentro, da sala de cinema que temos atrás dos olhos e entre as orelhas.

Aliás, este tipo de jogo semiológico (e sinestésico) é comum no trabalho do virtuoso daquele que é o mais grave instrumento da família do violino: o seu *Le 7ème Continent* não tem apenas como tema o “continente” de detritos que boia no Oceano Pacífico. É, e de raiz, na própria estruturação e nos materiais utilizados, uma representação musical da ideia de entulho, de lixo, em meio aquático, o mimetismo sonoro de uma imagem ocular, ou quiçá a imagem áudio de uma outra mimese humanamente criada, a da *new found land* composta pelos quilómetros e quilómetros de plástico que as correntes a Sul deste planeta vão embalando. Se um solo, qualquer solo, é um exercício de despojamento, não necessitando de grandes aparatos de cena, nem por isso deixa de ser uma encenação. Pascal Niggenkemper sabe

que o ouvido está ligado ao órgão da visão e ou aproveita os fluxos que ocorrem entre um e o outro ou armadilha-os. De ambos os modos, só percebemos o que aconteceu depois de ter acontecido: o reenvio e a interferência são efêmeros, desvanecem-se, permanecendo apenas em nós o seu significado. Para além de escutarmos, descodificamos, mesmo que tal se processe sem mediações racionais.

É o corpo que se lembra, não a mente, pelo que não há especial intelectualismo no tipo de intervenção que Niggenkemper abraça. Sim, o músico vai buscar a Shakespeare o conceito deste projeto (designadamente, à fala de “Rei Lear” em que Gloucester diz, dirigindo-se a Lear: «Um homem pode ver sem olhos como vai o mundo. Olhai com as vossas orelhas (...)»), mas esta referência literária decorre de uma noção que nada tem de livresca: entende a música, muito objetivamente, como forma de teatro.

É esta caracterização o que nela mais importa, não propriamente saber o que vem da tradição do jazz ou, porque desde logo se presente, da clássica. Podemos decompô-la para analisar o que contém da influência de um Barre Phillips e de um Charlie Haden ou da referenciação nas músicas-teatro de Mauricio Kagel e Karlheinz Stockhausen, mas esse esforço depressa se revela inútil. Numa música como esta que vive tanto do ato, do palco, a medida do seu conceptualismo e as razões de ser das suas opções estéticas pouco interessam no momento, ficando para posterior trabalho de casa. O que interessa, realmente, é a maneira como nos transporta para outro sítio, desligando-nos da nossa realidade sensorial.

RUI EDUARDO PAES

---

---

## Próximos concertos

---

SEXTA 4 AGOSTO 21:30 — *Anfiteatro ao Ar Livre*

**Larry Ochs**  
*The Fictive Five*

---

SÁBADO 5 AGOSTO 18:30 — *Edifício Coleção Moderna*

**Pedro Sousa & Pedro Lopes**  
*EITR*

---

SÁBADO 5 AGOSTO 21:30 — *Anfiteatro ao Ar Livre*

**Human Feel**

---

DOMINGO 6 AGOSTO 21:30 — *Anfiteatro ao Ar Livre*

**Dave Douglas**  
*High Risk*

# Jazz em agosto

---

GULBENKIAN.PT

PARCEIROS



APOIO À DIVULGAÇÃO

